

Relato Discussões Fórum dos Gestores - COBENGE 2018

(03/09/2018 - 15:00 / 16:30)

Relatora: Simone Leal Schwertl

Mediador: Luiz Paulo Brandão

Brandão abre o Fórum colocando que vamos discutir alguns aspectos da proposta das novas DCNs e destaca dois aspectos:

- 1) Porque não tratamos de conteúdos na nova proposta? No passado tínhamos o currículo mínimo. Depois tivemos só sugestões. E dessa vez temos uma proposta que ainda pode ser mudada e que não trata propriamente de conteúdos. A pergunta é qual o perfil do engenheiro e qual as competências ele deve ter.
- 2) Fala-se de Projeto Pedagógico executivo, ou seja, como os cursos irão desenvolver tais competências, o conjunto de atividades que serão desenvolvidas. Isso vai ao encontro do que o sistema requer. Fica a pergunta de como se faz um currículo organizado por competências. Citou o exemplo da UNISINOS que já avançou nessa proposta.

A proposta inicial do COBENGE era discutir como organizar esse currículo, mas com a prorrogação para discussão pública, o foco mudou.

Depois dessa fala dos participantes que fizeram suas contribuições e questionamentos.

- 1) Prof. Jorge Luiz UFRJ – Engenharia Elétrica.

A impressão que temos no início do COBENGE é de que não sabemos mais o que é engenharia. Mas acho que não é isso. Qual o problema que temos com as Diretrizes atuais? Isso não ficou claro. A nova proposta é para atacar que aspecto? Para resolver o que?

Trabalhamos muito para as atuais Diretrizes. Foi um trabalho duro. O que estamos querendo mudar? Inovação, empreendedorismo? Tudo que vi hoje, não vi inovação, tudo que está posto nós já fazemos. Nós sabemos fazer engenharia e nós sabemos ensinar engenharia. O que temos parece ser uma crise metodológica, e não de diretrizes.

- 2) Profa. Silvia.

Vou falar das DCNs atuais e qual é a grande inovação da proposta que esta sendo desenhada. Já foi respondido, o grande problema são os tempos, no Brasil são longos anos. Em 2002 houve uma diferença pelo edital de 1997 onde já vinha uma série de orientações do que se devia fazer. Já tinha o foco no aluno, metodologias ativas, lembrou o REENGE. Atualmente tem uma relação de conteúdos básicos para qualquer engenharia e não serve para nada, pois não superamos a ideia de currículo mínimo. Agora não tem novidade nas DCNs em si, e diretriz é diretriz, aponta uma linha mestre. O que as IES precisam entender é como se desenvolve uma competência e isso passa pela metodologia. É uma crise metodológica.

Brandão: Como surgiu a questão da mudança? O SESU e CNE procuraram a ABENGE para participar, caso contrário eles vão fazer as mudanças. Assim a ABENGE está tentando contribuir. Onde estão participantes de diversas IES de qualidade. A proposta encaminhada pelo SESU e CNE é diferente da ABENGE, ou seja, eles fizeram modificações no texto proposto pela ABENGE.

Mas a proposta está aberta e todos devem participar apresentando contribuições. A discussão hoje é para suscitar contribuições.

- 3) Prof. Vicente - Universidade Federal do Paraná. Não li a proposta, mas queria deixar um questionamento. Se nessa reformulação das DCNs poderemos ter no Brasil um curso no modelo Europeu 3 mais 2, com mestrado integrado, pois une graduação e pós graduação e torna os cursos compatíveis internacionalmente.

Brandão: Lembra que os sistemas de avaliação são distintos na pós-graduação e na graduação no Brasil, talvez esse seja o maior problema.

- 4) Prof. Luiz Fernando – UFRJ

Na UFRJ já fazemos algo nesse sentido. Usamos alguns critérios como o coeficiente de rendimento e as disciplinas no mestrado como disciplinas eletivas. Mas quanto as DCNs, eu li o texto e tenho pontos para colocar. A inserção de profissionais da indústria na Educação. Como os docentes conseguem dar contrapartida para a Indústria. Não ficou claro como isso vai ser implementado. Sou a favor de novas metodologias, sala de aula invertida, vídeo aula, etc. Por que as instituições não se unem na oferta de conteúdo? Em âmbito nacional?

Se implementarmos essas DCNs nesse ano teremos 2 anos, isso estará fadado ao fracasso por conta de uma cultura posta. Eu não vejo dentro das DCNs nenhuma ideia de como implantar isso, estou participando na UFRJ de um projeto de implantação de metodologias ativas e o prazo é de 2 anos. Talvez teria que começar por disciplinas eletivas, com um grupo de professores, pois não vai ser fácil, mas a mudança deve ser gradativa.

Brandão: Para propor mudanças, tem que fazer proposta na consulta pública para que de fato a SESU possa levar em consideração. A implementação deve ser gradual. O prazo deve ser questionado na consulta pública. Será um desafio implementar um currículo por competências.

- 5) Prof. Otávio - Mauá

Percebo que estamos em um processo de mudança, não é simples, tem 5 anos que estamos conversando e PBL e outras metodologias começaram a fazer parte da cultura das IES. Na ABENGE temos um grupo de Aprendizagem Ativa, formação de professores, projeto pedagógico e inovação, enfim, que podem contribuir dando apoio. A proposta vai dar muito trabalho, mas vai ser prazeroso e temos necessidade de mudança. Temos que juntos buscar estes caminhos.

- 6) Prof. Sebastião - UNESP

Esse foco não é tão ingênuo assim. Mudar o mundo por toda essa tecnologia que está aí. Quero compartilhar com vocês a necessidade dessa mudança, uma experiência de formação à distância. Como dar aprimoramento para esses profissionais? Bolamos 4 cursos. Educação continuada na Engenharia para se manter atualizado, experiência do Crea em São Paulo. Quem são os professores? Professores doutores e consultores que estão nas empresas.

- 7) Prof. Edson – UFRJ

Estamos debatendo as DCNs, mas e os critérios do INEP?

Brandão: Posso garantir que esse é o assunto que está em discussão no CNE com o INEP.

- 8) Profa. Sheila – UFSCAR

Lemos a proposta na UFSCAR e eu trouxe preocupações. Uma delas é a questão do INEP no reconhecimento. Como mudar drasticamente em um curso sem mudanças ou divulgação do INEP? Como criar o acolhimento aos estudantes? Qual é o tempo

do curso 5 anos? 3600 horas? Onde vamos cortar? No básico? Como ampliar o estágio? Isso é preocupante. A formação dos professores, falta orientações mais práticas. Que o MEC reconheça a dedicação dos professores ao ensino infelizmente a proposta não avançou nisso.

Brandão: O importante é o projeto da Instituição e como ela vai desenvolver esse tempo.

9) Profa. Juliana – Grupo Ânima

Implantamos o currículo por competências com 5 anos. Passamos por avaliação do MEC com conceito 4 – Engenharia Mecânica. A formação docente é um dos pilares do nosso projeto. Precisamos nos unir, olhar para frente e os meninos não conseguem mais ter aula como nós tivemos. Evasão para mim é perder um sonho, olhar para a geração e o mercado de trabalho.

10) Prof. Sara - Universidade Pública de Feira de Santana

A insegurança é essa de não ter um currículo mínimo e temos dificuldade com o Estágio. Não temos formação para novas metodologias. O que está posto adere as DCNs atuais, não estou convencida da necessidade da nova proposta. A sociedade foi ouvida? A SESU só convidou a ABENGE e o resto? Isso é muito pouco. Se ficar aberto até 17/09 não vai resolver, é um grupo muito grande.

11) Prof. Messias – UNESP

Estamos aqui discutindo o que representa um marco importante para melhora dos cursos de engenharia. O INEP participou, a CAPES participou. Ouvindo vários questionamentos, existem várias dúvidas. E o fato é que existem boas práticas nesse sentido no país. Estamos pensando em um portal de boas práticas no Ensino. O fato é que tem que acontecer e está acontecendo. Precisamos formar engenheiros muito melhor do que estamos formando.

12) Prof. Mauro – Mato Grosso do Sul

O que eu quero sugerir é unificar as DCNs gerais e as específicas. Existem diretrizes específicas dos cursos que estão em consonância com as DCNs.

Brandão: O que ABENGE pode fazer é criar espaço para discussão. E que essa evolução aconteça com menor impacto possível.